

Introdução

Eu a amo

I

Gabriel sai com putas. Mas não escolhe qualquer uma. Costumam ser exclusivas, caras, VIP. Em geral são muito jovens as que ele dobra em idade. Algumas, inclusive, são menores que suas filhas e as esposas de seus filhos. Por uma destas garotas, a cada tanto se apaixona. E, segundo ele diz, elas também dele. Gabriel sabe e ao mesmo tempo, não sabe, do interesse que subjaz à esses encontros. *Eu sei que é por dinheiro, diz, mas as vejo sinceras.*

Além das putas, Gabriel tem amantes. Em geral uma ou duas. Neste caso, não necessariamente muito mais jovens que ele. É dono de uma grande empresa e suas amantes são funcionárias de altos cargos ou algumas colegas, donas de empresas tão poderosas quanto a dele e que conhece na câmara empresarial à qual pertence.

Gabriel também está casado desde os 20 anos com sua primeira namorada de adolescência. Tem cinco filhos e é um fervente católico que mantém múltiplos laços com sua grei. Mora em um condomínio fechado dos mais luxuosos da Grande Buenos Aires. Sua esposa, Mercedes é advogada mas não exerce. Criar cinco filhos lhe foi muito trabalhoso e hoje, já mais velha, com os filhos crescidos e algum neto por vir, prefere se dedicar à cuidar de seu jardim. Tem feito alguns cursos de paisagismo e quase não sai de seu bairro. *Não faz falta, diz ele que ela diz. Aqui você tem tudo.* Três de seus filhos estão casados e moram no mesmo condomínio; uma está fazendo um doutorado em Paris e a menor, acabou de ir morar com o namorado na Capital, para escândalo de todos.

O casamento entre ele e Mercedes tem sido sempre muito tortuoso. As brigas, por momentos muito violentas e o interminável mal-estar cotidiano, os foram levando a realizar várias tentativas de tratamentos de casal, todos interrompidos prematuramente e sem nenhum resultado. As cenas de violência disparadas por um ou outro, estiveram quase desde o início. E o fator desencadeante, na maior parte das vezes, passava pela sexualidade. Mercedes não queria engravidar e pelas suas convicções religiosas não aceitava nenhum dos métodos anticoncepcionais existentes. Por tanto, reservava os encontros para aqueles dias nos que estava “garantido” que isso não aconteceria. Gabriel não aceitava essa limitação, ele precisava fazer sexo com mais frequência. As descrições das lutas que se originavam por esta situação eram brutais. Às vezes, acabavam em tentativas violatórias que não chegavam a se consumar porque antes apareciam golpes entre ambos. Gabriel dizia que sua esposa não desfrutava da vida sexual. Ele não se

incomodava com isso, se ela não gostava não era seu problema, mas o que ele não aceitava era que Mercedes antepusesse a possibilidade da gravidez como desculpa para eles não se encontrarem.

Quando o conheci, contou-me que estas situações o obrigaram a buscar outras mulheres. No começo, o que lhe resultava mais fácil eram as prostitutas. Depois, na medida em que foi crescendo economicamente e obtendo poder através de sua empresa, *“tudo ficou mais fácil”*. Enquanto isso, a vida matrimonial continuou e os filhos foram chegando. A família não era um ponto negociável para ele. Também não para sua mulher, mas as expectativas dela eram mais limitadas. Talvez dois filhos. Ou três.

Gabriel vem me ver por que não se sente bem em sua própria vida. Se angustia com frequência, lhe é muito custosa a separação de seus filhos e filhas e fundamentalmente da que mora em Paris. Finalmente, a decisão da menor de ir morar com o namorado na capital sem se casar, lotou a sua angústia. Ele não tem vontade de retornar para casa e se encontrar com sua mulher. Agora, já passado os sessenta, diz que a situação entre eles se estabilizou. Mercedes está medicada já desde alguns anos por depressão e isto a deixou mais *“dócil”*. Já não protesta por tudo e deixou de brigar, é uma estabilidade triste, vazia. Gabriel está entediado, prefere se encontrar com outras mulheres e chegar tarde em casa.

A esta altura o leitor poderá se perguntar por que não se separa. Eu mesmo me formulei muitas vezes a mesma pergunta. Melhor dizendo: Tenho me feito essa pergunta quase todo o tempo naquelas sessões nas quais o tema aparecia. Me parece estar ouvindo Gabriel, responder sempre da mesma forma: *Não me separo, porque é minha esposa e eu a amo.*

Pretendo neste texto, me perguntar por este *“eu a amo”*.

II

Gabriel é meu paciente individual há pouco mais de um ano. E embora este pretenda ser um livro sobre análise de casal, a problemática matrimonial de Gabriel me interpelou fortemente. Por isso decidi começar com este material. Em épocas nas quais as separações e os divórcios estão à ordem do dia, a pergunta pela continuidade deste vínculo em particular, me interrogava. Supõe-se que aqueles que continuam juntos o fazem porque o que acontece entre eles, é suficientemente bom e o desejo encontra seu caminho.

Aqueles que trabalhamos numa clínica psicanalítica com casais, sabemos que a diversidade é infinita. Os vínculos amorosos oscilam entre os efêmeros e os duradouros, entre os passionais e aqueles nos que a sexualidade não existe, entre

o desejo e a necessidade, entre amantes, trios, sexualidades múltiplas ou monogâmias raivosas. E se voltássemos à Gabriel, valeria nos perguntarmos por que não se separa? Que elo o mantém unido à sua mulher? O que é que Gabriel ama em Mercedes? À que estará chamando “amor”? Pode se explicar este amor? Se tratará, então, neste livro, de partir de algumas histórias de casais em análise, para tentar ver as diversas fontes dos sofrimentos que os afligiam no momento da consulta, e qual travessia puderam realizar com este analista¹. Gostaríamos de esclarecer que nosso trabalho tem se centrado ao redor de casais heterossexuais, não porque assim o tivéssemos decidido de antemão, mas porque é a clínica que mais foi se apresentando para nós nestes anos.

Cada uma destas histórias será pensada em sua singularidade. Este esclarecimento é necessário dado que a Psicanálise tem se movimentado sempre numa tensão entre, por um lado, achar fundamentos teóricos que tivessem certa “universalidade” e por outro, sustentar a necessária condição de pensar “caso por caso”. O fato de que a Psicanálise provenha do discurso médico, a colocou desde o início no terreno da saúde e da doença. Dali, o desejo psicopatologista que a habitou desde sempre. Assim, precisou lutar, e o continua fazendo, contra a catalogação dos sentimentos humanos².

Esta tendência à “universalização” criou as estruturas clínicas, avançou numa concepção das diversidades neuróticas e as psicoses e travou, segundo meu ponto de vista, na consideração das perversões³. Não há dúvidas de que o desejo

¹ Achamos necessário esclarecer que a publicação do material clínico obriga, inexoravelmente, à um trabalho de ficção com o intuito de conservar o segredo indispensável sobre as intimidades dos casais. Não cabe dúvida que essa tarefa de alteração dos dados filiatórios, poderia atentar contra a validade de certas apreciações e conjecturas. Muito além de ter tentado que os disfarces não alcancem os aspectos cruciais daquilo que tentamos mostrar nos relatos, sabemos que, como sempre, algo terá se perdido. Como diz Eduardo Muller “o caso clínico não pode não ser ficção. É um dispositivo textual para transmitir uma verdade. A verdade tal e como aconteceu, está perdida. A ficção é o dispositivo que testemunha a impossibilidade de transmitir a verdade do que acontece numa análise e, ao mesmo tempo, a única maneira de ter acesso a algo dela”. (MULLER, E: “Relato clínico, clínica del relato”

² Este fato pode ser observado hoje fortemente nos analistas de crianças que lutam o tempo todo contra a “classificação” de seus pequenos pacientes, impulsionada sobre tudo pelas distintas versões do DSM e a crescente medicalização da vida das crianças.

³ É importante apontar que dito “travamento” teve nas últimas décadas um desenvolvimento maior à partir de poder pensar a perversão mais do lado utilização do outro (e de seu corpo) como objetos de seu próprio gozo e não já como a utilização de tal ou qual zona erógena como produtora de prazer, nem se o parceiro é do mesmo ou de outro sexo. Os trabalhos de Joyce McDougall em Londres e Paris é de Silvia Bleichmar entre nós, marcaram o caminho.

cientificista permitiu entender e intervir em inúmeras situações clínicas. Apesar disso, o que fundou uma Psicanálise mais potente, não foi, justamente, essa linha de pensamento, mas o monumental salto epistemológico feito por Freud no texto “O Mal-Estar na Cultura”. Ali, Freud se distanciou do campo da psicopatologia para fundar a noção de “sofrimento”, gerando assim, uma complexização teórica decisiva⁴. O grande achado foi que não há forma de viver por fora do mal-estar, já que estar com outros requer, inexoravelmente, renúncias pulsionais. Assim, afirmou que o sofrimento provém de diferentes fontes e que costumam ser estas as origens das demandas de análise. Aqueles que nos consultam, o fazem porque algo lhes fracassa em seu posicionamento subjetivo, ou porque algo de seu desejo está perdido num emaranhado vincular que não sabem como foi construído e que participação eles têm nisso que lhes acontece. Sofrem porque não conseguem encontrar as formas nas quais desenvolver e realizar em algum nível sua sexualidade, suas relações amorosas, seus interesses libidinais, seus ideais. Presos muitas vezes em resolver necessidades da sobrevivência e responder às urgências mais ou menos imediatas que a realidade cotidiana lhes impõe, abrem mão da realização de aqueles projetos e sonhos que lhes permitiriam construir uma vida mais verdadeira. É neste sentido que pensaremos em cada uma das 12 histórias de casais que iremos apresentar: Porque eles vem por que o fazem juntos, quais são as formas específicas do sofrimento que eles padecem e o que conseguimos fazer no percurso das análises.

Começamos com Gabriel, que sai com putas, para pensar o que chamamos amor. A seguir, iremos adentrando por diferentes noções para pensar o quanto as repetições e novidades inundam os encontros amorosos. Abordaremos as diversas idades da vida de um casal, desde o encontro adolescente, passando pelo nascimento do filho que inaugura a passagem para a família, até os laços amorosos de longa duração. E sempre, inexoravelmente, a sexualidade interpelada, as dificuldades na experiência da intimidade, a diferença, o alheio do outro explodindo as coordenadas daquilo que se supunha estável dos casais “suficientemente bons”.

III

Gabriel comenta duas cenas muito importantes na história do relacionamento com Mercedes. A primeira delas é o relato de um episódio ocorrido anos atrás, que marcou o vínculo para sempre. *Nós nunca voltamos desta*, ele disse. Uma das coisas das que ele mais se queixava era que sua esposa o

⁴ Ver: Waisbrot D. “Más de un otro. Variaciones y vacilaciones del dispositivo psicoanalítico” Psicolibro ediciones. Buenos Aires. 2010.

desvalorizava. Ela veio de uma família de uma certa linhagem. Suas expectativas financeiras eram enormes. Gabriel, por outro lado, não tinha esses brasões e a empresa da família, que ele estava tentando expandir, era pequena no começo. Mercedes le apontava essa falta que replicava a rejeição sexual.

Em uma ocasião, já em uma situação financeira melhor, Gabriel deu à esposa um pequeno carro zero quilômetro. Irritada, Mercedes jogou as chaves contra uma janela ao grito de "*Minhas amigas recebem caminhonetes e você vem com essa merda!*". A cena terminou com uma briga forte, ele deu um tapa e Mercedes caiu pelo golpe e ficou sangrando no chão. Situações desse tipo, embora não tão violentas, ocorreram com frequência nos primeiros vinte anos de convivência. Essas foram as formas de seus encontros; poderíamos dizer, o modo em que viviam sua sexualidade. Seria demais talvez ressaltar que, naquele momento, se eles tinham relações sexuais, era apenas duas ou três vezes por ano, e ainda menos após a menopausa, porque Mercedes sentia muita dor com a penetração e os cremes eram "repugnantes". É assim que Gabriel justifica a multiplicação de mulheres em sua vida: ele é muito sexual e com sua esposa não tem essa possibilidade. Ele se encontra freqüentemente com alguma das "garotas" e com alguma amante. Não menos que três vezes por semana. Possui um apartamento especialmente preparado para esses encontros.

A segunda cena é muito mais recente e ocorreu no meio de sua análise. Em um domingo como tantos, Mercedes tinha ido jogar Bridge com amigas ao clube do Condomínio. Enquanto isso, Gabriel estava jogando golfe com os amigos. Um pouco afastado deles, enquanto esperava sua vez, ele conversava com a jovem namorada dos últimos tempos. Sua empresa tem muito a ver com computadores e ele conhece perfeitamente as maneiras de fazer desaparecer todos os traços desses diálogos em seu telefone celular. Mas, às vezes, a tecnologia passa alguma rasteira. Surpreso, ele vê sua esposa vindo em sua direção, um fato extremamente incomum quando ele estava jogando. Nesse momento, ele interrompe o bate-papo, termina de apagar os traços e se despede de sua amada. Mercedes tinha ficado sem bateria no celular, ela pede o telefone porque uma conversa com a filha que mora em Paris fora interrompida. Quando ela pega o celular do marido, uma mensagem tardia aparece: *tchau, meu amor*. Mercedes se choca, mas não diz nada. No entanto, Gabriel nota algo no olhar dela. Depois de um tempo, quando ele pega o telefone novamente, descobre a mensagem que sua esposa leu diante dele e, pela primeira vez em tantos anos, entra em pânico. Ele se orgulha de nunca ter mentido para ela. Esse era o seu limite moral: esconder sim, mas mentir, nunca. No entanto, algo tem que ser feito. Ele percebe que sua esposa está estranha e teme o resultado,

então decide se adiantar. Gabriel tem um irmão, Ernesto, com quem ele administra os negócios da família, embora tenha sido o criador da empresa. Mercedes sabe que Ernesto tem um péssimo relacionamento no casamento. Na verdade, odeia sua cunhada. Ao contrário de Mercedes, a esposa de Ernesto o investiga permanentemente e chegou a intervir os telefones. Esse casamento é um motivo frequente de conversas e zombaria entre Gabriel e Mercedes. *Que casal de merda*, ambos dizem. Gabriel decide tirar proveito dessa situação.

Estou farto do Ernesto, ele diz. *Ele me envia fotos e conversas que ele tem com as meninas que ele está namorando. Então eu tenho que excluí-las, porque se você as vir, não sei o que você pode pensar.* Mercedes relaxa. *Vi uma mensagem que chegou ao seu celular*, ela diz, *e pensei que você estivesse me traindo.* Eles se abraçam com ternura e a cena termina "bem".

Quando Gabriel chega à sessão, está desencaixado. Pela primeira vez em tantos anos, algo vazou do seu controle. *Poderia ter sido um desastre*, ele diz. *Mas me sinto mal como nunca antes. Eu nunca menti e agora tive que inventar essa história, me sinto uma merda. Se ela perceber a verdade, tudo acabou, seria imperdoável e eu morro, não sei o que fazer, estou desesperado.*

IV

Sempre pensamos que a apresentação de materiais clínicos deve incluir inexoravelmente o analista. O que ele fez, o que disse, como ele interveio diante do que estava acontecendo. Caso contrário, a mera apresentação de um "caso" corresponde mais a uma psicanálise aplicada – desde já, legítima – do que ao trabalho necessário sobre o acontecer transferencial. Para isso, acho crucial ver o analista trabalhando. Obviamente, isso também se aplica à análise de casais. Não basta pensar apenas neles, mas também no que estávamos fazendo com os vários problemas que nos foram apresentando⁵. Assim como a tensão entre o universal e a singularidade de cada situação clínica nos desafia, o mesmo acontece com as

⁵ Para isso, a tarefa de pensar com os outros é crucial. Nesse sentido, quero agradecer, muito além da injustiça do corte que farei, que se baseia fundamentalmente nos últimos tempos e deixa enormes traços da minha história: Aos colegas de tantas décadas da Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo; a oficina autogerida que levamos adiante já faz alguns anos e que têm esse nome curioso que nós gostamos, "Cómo hacer Psicoanálisis en el horror de esta profunda noche". Também aos meus colegas do grupo "Cinco Lobos", Graciela Bianchi, Ricardo Gaspari, Gustavo del Cioppo e Vicky Cohen e à Equipe de Família e Casal, do Centro de Saúde Mental N° 3, "El Ameghino" que eu supervisiono já faz tanto tempo que é demais para contar e que me forçam a me questionar novamente toda vez. Espaços, todos eles, de pensamento em emergência permanente.

intervenções do analista. Existe talvez apenas uma maneira de trabalhar? Qual é o espaço de criatividade e liberdade possível sem cair na pura arbitrariedade das intervenções? Sustentar a oscilação entre as duas categorias é uma aposta na incerteza fértil. Por outro lado, se optássemos por apenas uma dessas opções, a tarefa de pensar seria empobrecida. Se sustentamos a todo custo os saberes consagrados e transmissíveis entre gerações de analistas, geramos a ilusão de que existe UMA psicanálise, canônica, acabada, sempre idêntica a si mesma. O analista, nesse caso, ficaria preso em clichés caricaturais. Por outro lado, a possibilidade de singularização do analista responde a uma visão mais próxima do artesanal, àquela que - com um universo de teorias consagradas "por enquanto" - permitiria uma abordagem clínica na especificidade de cada situação.

Sabemos que intervir no campo de uma sessão invariavelmente nos embarca em uma aventura de navegação incerta, em uma zona de desconhecimento, com uma cartografia precária, com mapas que demarcam muito pouco. Muitas vezes, o difícil é tolerar essa incerteza, reconhecer a densidade imanente da situação analítica para poder interrogá-la. Com Gabriel, minhas intervenções visavam tentar mudar seus próprios "saberes consagrados". *Os homens somos assim*, ele me disse uma das muitas vezes. *Como somos os homens?* eu perguntei. *Assim, se você não quer trepar, faça me um favor e vire se, que eu te necessito.*

Não é preciso dizer que, nesses anos de sua análise, o tema da continuidade de seu casamento apareceu inúmeras vezes. Toda vez que ele falava sobre sua parceira, ele dizia que não sabia por que ainda estava com ela. *Minha esposa me entedia, fico de saco cheio, ela não faz nada, não temos nada para conversar, nunca transamos é um esforço quando o fazemos, eu não acho bom e ela menos ainda, além disso não gosto dela, está feia, desarrumada, mas sobre tudo o que incomoda é o tédio. Com a Alexia, essa garota que eu pago, dou risada, eu gosto de estar com ela, é divertida, é carinhosa, eu quero vê-la, além disso ela tem um corpo incrível, e aí eu chego em casa e nada, não tenho nada com Mercedes.* E aí, ele fala a frase que mencionamos anteriormente: *mas não vou me separar porque ela é minha esposa e eu a amo.*

Ficou claro que Gabriel não conseguia se separar da Mercedes. Ou talvez, ele não quisesse. O ideal religioso referente a "até que a morte nos separe" era uma norma inabalável, muito além do que ele fizesse "ao longo" desse vínculo. O trabalho radicava o tempo todo em tentar, justamente, quebrar o que parecia não poder ser quebrado. Questionar as certezas, incluir uma cunha no discurso preciso e imutável. Algumas de minhas intervenções aludiam à diferença entre "mentira" e "traição", a desmentida da passagem do tempo ("quando estou com ela me sinto um garotão") que implicava sair com mulheres as quais quase duplicava ou triplicava

em idade ou a desmentida do pagamento em um relacionamento prostituído. No entanto, perguntas inundaram o campo. *Por que Gabriel segura esse dispositivo de várias mulheres, enquanto desfruta e sofre as consequências? Por que Mercedes desmente sempre uma verdade que tem diante de seus olhos? O que esse vínculo representa para eles que precisam sustenta-lo a qualquer preço?*

E nós, analistas vinculares: *O que chamamos "casal"? O que entendemos por "amor"? Por que razão existem tantos vínculos com esse formato, ou alguns similares, que ainda assim duram anos e anos? O amor é sempre a condição necessária para sustentar um casal ou haverá outras razões? Desidealizamos os vínculos de um tanto que isso nos leva a tolerar que as pessoas possam se juntar por várias razões, geralmente evanescentes? O que acontece quando o tempo vá passando e aquilo que os uniu no começo, não os une mais?*

E finalmente: *O que ouvimos no início de uma consulta, o que esperamos que ocorra no final dessa análise e o que fomos fazendo durante essa jornada?*

Pois bem, vamos ver, vamos ver, vamos ver.